

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
2000

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

- 1 E no *dog-cart*¹, com aquela linda égua, a «Tunante», ou no faetonte² com que maravilhava Lisboa, Carlos lá partia em grande estilo para a Baixa, para «o trabalho».
- O seu gabinete, no consultório, dormia numa paz tépida entre os espessos veludos escuros, na penumbra que faziam os estores de seda verde corridos. Na sala, porém, as três
- 5 janelas abertas bebiam à farta a luz; tudo ali parecia festivo; as poltronas em torno da jardineira³ estendiam os seus braços, amáveis e convidativos; o teclado branco do piano ria e esperava, tendo abertas por cima as «Canções» de Gounod; mas não aparecia jamais um doente. E Carlos – exactamente como o criado que, na ociosidade da antecâmara, dormitava sob o «Diário de Notícias», acaçapado⁴ na banquetta – acendia um cigarro «Laferme», tomava
- 10 uma revista, e estendia-se no divã. A prosa, porém, dos artigos estava como embebida do tédio moroso do gabinete: bem depressa bocejava, deixava cair o volume.
- Do Rossio, o ruído das carroças, os gritos errantes de pregões, o rolar dos americanos⁵, subiam, numa vibração mais clara, por aquele ar fino de Novembro: uma luz macia, escorregando docemente do azul-ferrete, vinha dourar as fachadas enxovalhadas, as copas
- 15 mesquinhas das árvores do município, a gente vadiando pelos bancos: e essa sussurração lenta de cidade preguiçosa, esse ar aveludado de clima rico, pareciam ir penetrando pouco a pouco naquele abafado gabinete e resvalando pelos veludos pesados, pelo verniz dos móveis, envolver Carlos numa indolência e numa dormência... Com a cabeça na almofada, fumando, ali ficava, nessa quietação de sesta, num cismar que se ia desprendendo, vago
- 20 e ténue, como o ténue e leve fumo que se eleva de uma braseira meio apagada; até que, com um esforço, sacudia este torpor, passeava na sala, abria aqui e além pelas estantes um livro, tocava no piano dois compassos de valsa, espreguiçava-se – e, com os olhos nas flores do tapete, terminava por decidir que aquelas duas horas de consultório eram estúpidas!
- 25 – Está aí o carro? – ia perguntar ao criado.
- Acendia bem depressa outro charuto, calçava as luvas, descia, bebia um largo sorvo de luz e ar, tomava as guias⁶ e largava, murmurando consigo:
- Dia perdido!

Eça de Queirós, *Os Maias*, Lisboa, Livros do Brasil, s. d.

¹ *dog-cart*: viatura usada pela aristocracia, originalmente desenhada com o fim de transportar cães.

² *faetonte*: carruagem ligeira descoberta e de quatro rodas.

³ *jardineira*: móvel onde se colocam flores ou outros objectos de adorno.

⁴ *acaçapado*: encolhido.

⁵ *americanos*: carros que andam sobre carris de ferro, movidos por tracção animal.

⁶ *guias*: rédeas.

Elabore um comentário do excerto transcrito que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- relações entre o espaço do consultório e o do Rossio;
- importância da luz na caracterização dos ambientes;
- recursos estilísticos relevantes;
- perfil psicológico de Carlos da Maia.

GRUPO II

A questão seguinte refere-se a *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

«A *Mensagem* é também um elogio do Português, desvendador e dominador de mundos».

Jacinto do Prado Coelho, *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*,
11.ª ed., Lisboa, Verbo, 1998, p. 52

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2000/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

V.S.F.F.

138/3

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e trinta e quatro palavras, num texto de **cem a cento e vinte e cinco** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 O primeiro modernismo português resume-se afinal ao grupo do *Orpheu*, isto é, ao grupo que em Portugal antes de todos aceitou e assumiu certas características de afrontamento da herança cultural do realismo, do naturalismo, do neo-romantismo ou do lusitanismo saudosista. [...]

5 Que poetas e artistas o constituem? Se folhearmos os dois números publicados do *Orpheu*, bem como o terceiro número, que estava em provas, só recentemente reeditado; se percorrermos as páginas das revistas posteriores suas herdeiras, como o *Exílio* (1916), o *Centauro* (1916), o *Portugal Futurista* (1917), a *Contemporânea* (iniciada em 1922) ou a *Revista Portuguesa* (1923); ou se estudarmos a obra de outros intelectuais das mesmas
10 esferas de influência – deparam-se-nos efectivamente dois grupos de escritores e artistas. De um lado os que, muito ligados ainda ao neo-romantismo, ao saudosismo ou ao simbolismo, surgem no movimento por companheirismo geracional¹ e pela solidariedade dos cafés² lisboetas. Do outro, os verdadeiramente inovadores, no conteúdo e na forma.

Já tem sido notado por críticos e historiadores da literatura o hibridismo³ do movimento
15 órfico⁴: o simbolismo e o decadentismo constituem importantes linhas de força e delas não são completamente independentes os mais modernistas, como Sá-Carneiro ou Pessoa; ao seu lado, porém, irrompem poesias, desenhos, colagens e um grafismo que podem ser considerados francamente como inovadores, dentro do eixo crónico 1910-1920.

Ora, àquela sensibilidade e àquela estética, muito mais do que à modernista, pertencem
20 poetas como Luís de Montalvor, [...] Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro, o próprio Ângelo de Lima, etc., etc.

Daqui se depreende ter sido no fim de contas restrito o subgrupo efectivamente modernista ou vanguardista que animou o movimento do *Orpheu*, entendendo-o no amplo sentido e incluindo pois a já citada sucessão dos seus órgãos, culminando com a
25 *Contemporânea*, dirigida por José Pacheco ou José Pacheko (como então gostava de assinar), que fora o orientador gráfico da revista-matriz, de 1915⁵; resume-se ele, quanto a nós, a sete personalidades: as de Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Santa-Rita Pintor, Amadeo de Souza-Cardoso, José Pacheco e António Ferro.

António Quadros, *O Primeiro Modernismo Português – Vanguarda e Tradição*, Lisboa, Europa-América, 1989

¹ *geracional*: próprio de uma geração.

² *cafés*: neste contexto, grupos de artistas e escritores que se reúnem em cafés.

³ *hibridismo*: mistura de elementos de origens diferentes.

⁴ *órfico*: relativo a *Orpheu*.

⁵ *revista-matriz, de 1915*: o mesmo que *Orpheu*.

Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (oitenta e cinco palavras como limite mínimo, e cento e quarenta como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por dezasseis palavras: «José/ Pacheko/ (como/ então/ gostava/ de/ assinar),/ que/ fora/ o/ orientador/ gráfico/ da/ revista-matriz,/ de/ 1915/».

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Desenvolvimento dos tópicos – conteúdo	60 pontos
Elaboração do comentário – organização e correção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correção linguística	30 pontos
Total	200 pontos